

## UTILIZAÇÃO DE CONTOS LITERÁRIOS COMO BASE PARA AULAS DE GRAMÁTICA

Farlei Aparecido Calixto (UEL)

**RESUMO:** Este trabalho busca refletir sobre as experiências vividas durante o Estágio Curricular Obrigatório do curso de Letras-Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL), discriminando as observações, as participações e as regências realizadas, e ponderar, de maneira crítica, sobre aspectos cruciais que culminam na participação efetiva dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental nas aulas de gramática tradicionais frente a utilização de contos literários. A observação foi feita nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II em um Colégio Estadual localizado na zona norte de Londrina, Paraná, sendo que tais observações foram feitas nas aulas da disciplina de Língua Portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** contos literários; ensino de gramática; observação.

### 1 Introdução

O conto é um gênero literário com a mesma estrutura de um romance, porém a extensão da história narrada é consideravelmente menor. Não existe um consenso entre os teóricos literários quanto às proporções exatas de um conto, mas os elementos estruturais básicos de um texto narrativo estarão presentes na maioria dos contos.

O conto possui uma narrativa curta e concisa, geralmente sem grande complexidade. No conto, deparamo-nos com um enredo composto por: uma introdução curta, para não dispersar a atenção do leitor; uma complicação, onde ocorre o conflito, que acontece de maneira máxima e de uma forma abrupta; após a complicação, surge o clímax, que é o ponto alto da narrativa, quando há alguma quebra de expectativa ou reviravolta surpreendente que impacta significativamente o leitor; em seguida, temos o desfecho, que comumente também é bem curto, assim como a introdução, para deixar o leitor contemplativo e refletindo sobre o que acabou de ler.

Temos ainda o elemento “tempo”, que pode ser cronológico, ou seja, o tempo contínuo assim como o conhecemos, ou psicológico, que é quando o tempo da narrativa é ditado pelos pensamentos do narrador ou das personagens. Por fim, podemos ter o tempo como um *flashback*: a história começa em um determinado ponto e em dado momento essa história vai

para o passado a fim de explicar algum acontecimento relevante. Esse efeito é muito comum em filmes, novelas e séries.

Outro componente da estrutura narrativa básica é o “espaço” onde acontece a história, podendo ser de dois tipos: o primeiro seria um espaço geográfico, um local físico propriamente dito, um tipo de cenário, como: uma floresta, um castelo, uma cidade, entre outros. O segundo tipo de espaço a ser considerado é o espaço social, esse é um pouco mais complexo que o anterior, pois diz respeito às classes sociais ou grupos com anseios em comum, tais como: um grupo de cavaleiros, uma milícia, uma elite social ou uma classe trabalhadora, e assim por diante.

Outro elemento básico dessa estrutura narrativa são as personagens. Nos contos, elas são apresentadas em um número reduzido – algum protagonista, algumas personagens secundárias e talvez um antagonista. O antagonista, ou vilão, era mais comum em contos antigos; nos contos modernos, é bem comum o protagonista enfrentar problemas de ordem social ou psicológica, dispensando, assim, esse personagem antagonista.

Para finalizar, temos o narrador, a pessoa que contará a história, geralmente pode se apresentar em terceira pessoa onisciente, quando o narrador é um tipo de ser que conhece toda a história inclusive pensamentos das personagens; o outro tipo de narrador é aquele que é uma personagem da história, nesse caso utilizará o pronome “eu”.

Julio Cortázar (2006), teórico e contista, comparava da seguinte maneira o conto com o romance: utilizando-se da imagem de uma luta de boxe, para ele, o romance venceria por pontos, ou seja, seria uma luta longa e disputada, em que apenas a contagem de pontos ao final da luta que definiria quem seria o vencedor. O conto, por sua vez, nesse mesmo cenário de uma luta de boxe, seria aquele que venceria por nocaute, ou seja, a luta teria um caráter muito breve em que o ponto máximo chegaria sem preparação, seria como uma enorme surpresa.

Outro teórico e contista, Anton Tchekhov (1888) afirmava que todas as informações apresentadas no texto deveriam ser as mais precisas possíveis. As informações lançadas pelo escritor deveriam ser concisas e coerentes, e nada poderia ser inserido sem um significado substancial. Tchekhov afirmava, em sua teoria de precisão de informação, que, se uma espingarda é colocada no início da história, em um determinado cenário por exemplo, essa espingarda necessariamente deverá ser disparada.

O teórico e contista referencial americano Edgar Allan Poe (1986) afirmava que o conto é um texto literário narrativo que o leitor conseguirá ler em menos de uma hora. Para Poe, o conto seria como “uma prova de fogo” para um escritor. No conto, o autor demonstraria todo o seu exímio talento na intenção de impactar o leitor da maneira mais significativa possível. Essa intenção do escritor deveria ser estudada previamente, calculando qual seria o efeito desejável que o leitor iria sentir ao ler aquele conto.

## 2 Relato de experiência

O estágio de língua portuguesa foi desenvolvido em uma escola da região norte da cidade de Londrina, no Paraná. A escola foi muito bem receptiva no primeiro contato. O diretor prontamente me apresentou ao professor de Língua Portuguesa, que coincidentemente estava em hora-atividade<sup>4</sup>. Assim, pudemos conversar longamente sobre o processo do estágio, que foi aceito pela escola e pelo professor. Foram observadas três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II.

As observações e os monitoramentos ocorreram de forma bem tranquila e satisfatória. As turmas se mostraram um pouco apreensivas no início, mas depois de algumas aulas esse estranhamento acabou se dissipando, o que tornou o convívio bem agradável.

Foi observado que o professor regente, ao trabalhar os conteúdos gramaticais, usava somente o material disponibilizado pelo estado, o RCO<sup>2</sup> (Registro de Classe *on-line*), o que, a meu ver, empobrecia muito a aula. Em alguns momentos da observação, percebi que o professor, ao usar esse sistema, apresentava a teoria de forma muito pobre e, ao avançar para os exercícios, passava rapidamente os *slides* para ver a resposta e poder discutir com os alunos quais questões estavam corretas. As discussões orbitavam apenas as questões que estavam corretas; as questões que estavam erradas nunca eram abordadas, a razão do erro nunca era abordada.

Ao longo de quase toda a observação, percebi que o professor regente negligenciava inúmeros aspectos que poderiam tornar a aula muito mais atrativa. Em diversos momentos nos quais os alunos questionavam algum tópico ou tema, o professor alegava que futuramente aquele questionamento seria sanado, mas nunca houve retorno aos temas questionados,

---

<sup>4</sup> Hora atividade é um intervalo de aproximadamente 1 hora/aula que os professores têm para preparar atividades fora da sala de aula. Esse intervalo está previsto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB). (BRASIL, 1996).

evidenciando um despreparo nítido do professor. Porém, houve um momento em que o professor improvisou uma proposta de atividade de perguntas e respostas. Essa atividade foi ovacionada pelos alunos que a aceitaram e prontamente participaram de modo colaborativo e entusiasmado.

A escolha dos contos “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Teles, e “O travesseiro de penas”, de Horácio Quiroga, partiu de uma observação em sala na qual os alunos estavam conversando sobre a sexta-feira 13 que ocorreria naquela semana. Os alunos comentaram sobre algumas plataformas de filmes estarem fazendo promoções relativas aos filmes de terror.

Ao trabalhar esses contos com os alunos, elencando a estrutura básica conjuntamente com o tema das orações subordinadas, conseguimos resultados bem satisfatórios, pois houve uma grande participação das turmas, tanto na leitura do conto quanto nas atividades epilinguísticas e metalinguísticas

No momento das regências, foram trabalhados os já citados contos “Venha ver o pôr do sol” e “Travesseiro de penas”. Durante a leitura compartilhada, praticamente todos os alunos participaram espontaneamente e, após a leitura de cada conto, houve uma surpresa coletiva com indagações sobre o final impactante de cada conto. Os alunos demonstraram grande interesse nas atividades que sucederam as leituras, inclusive as que seriam mais complexas foram prontamente aceitas e concluídas com um grau de aproveitamento muito alto.

### **3 Uso do conto na gramática**

Pesquisando nos periódicos da Capes foram encontrados aproximadamente doze artigos nacionais e abertos, usando as palavras-chave “contos” e “gramática”. Desses, apenas cinco falavam da temática em questão.

Para Miranda e Gonçalves (2023), o ensino de gramática sempre foi uma “pedra” no meio do caminho dos estudantes para uma compreensão satisfatória da matéria de Língua Portuguesa. A discussão de atividades que envolvam análise linguística seria de suma importância para facilitar essa caminhada dos alunos no processo de aprendizagem. O uso de contos populares seria uma alternativa para um ensino mais contextualizado, capaz de

---

<sup>2</sup> É um sistema eletrônico público pelo qual os professores registram frequências, conteúdos e avaliações, além

produzir uma sequência didática que contribuiria para remover essas “pedras” do caminho no ensino de gramática.

Lopes e Xavier (2021) propõem atividades para o ensino de adjetivo à luz da gramática contextualizada, destacando o papel dessa categoria no gênero conto. Os autores destacam a função social da gramática e defendem que o estudo do adjetivo é relevante para o desenvolvimento da comunicação, competência essencial para um letramento crítico.

Rocha, Silva e Silva (2021) apontam que uma leitura crítica desenvolve um entendimento do estudante sobre a importância da gramática. Declaram também que o trabalho com o gênero conto permite perceber efeitos de sentidos que complementaríamos os temas propostos.

Bazza, Silva e Montemezzo (2017) destacam uma inovação no ensino de gramática nos últimos anos, com mudanças na forma de compreender a linguagem e a educação. Como consequência, uma quase obrigatoriedade de trazer materiais relacionados com o contexto dos alunos. A análise linguística, apoiada por documentos oficiais, se mostrou muito mais eficiente do que métodos clássicos e descontextualizados de ensino. Concluindo assim uma visão interacionista que reformula o trabalho na sala de aula, substituindo as aulas tradicionais pelo emprego de análises linguísticas por meio de atividades coerentes com os temas propostos.

Por fim, Teixeira (2016) afirma que o trabalho com contos possibilita verificar melhor a assimilação e o emprego da gramática de uma forma muito mais eficiente do que o emprego de aulas tradicionais. Histórias que fazem parte do universo do aluno o ajudam a entender os temas abordados e a se interessar pela leitura. Os alunos acabam aprendendo gramática sem regras soltas, o que acaba tornando a aprendizagem muito mais interessante e significativa.

Mediante a quantidade de publicações de contos apenas no Brasil, sem considerar os internacionais, percebe-se que pouquíssimos pesquisadores se dedicaram a esse tema. O que pode vir a se tornar um possível tema para novas e mais profundas pesquisas.

#### **4 Considerações finais**

O ensino clássico de gramática geralmente é marcado pela descontextualização, que acaba por afastar o interesse do aluno pelas aulas de Língua Portuguesa. A escolha pelo

---

de terem acesso aos conteúdos do currículo da rede estadual de ensino. (Resolução n.º 3550/2022 GS/SEED).

gênero conto é uma opção de fazer esse trabalho de forma contextualizada, que normalmente trará um tema familiar ao aluno, despertando assim o seu interesse. O professor poderá então desenvolver a análise linguística, propondo aos alunos atividades que envolvam questões epilinguísticas e metalinguísticas que façam sentido dentro do contexto de mundo desse aluno.

É necessário abordar com os alunos textos literários, que façam parte de seu universo. Isso seria um facilitador para o professor que pretende trabalhar gramática de uma forma mais fácil e eficiente. Logicamente essa proposta de atividade gramatical deve conciliar com o texto pretendido, por isso a importância de uma escolha precisa e adequada que condiga com a realidade dos alunos e que faça essa ponte de interesse, entre o aluno e os textos, e a gramática ser fortalecida e não apenas mais uma proposta isolada e descontextualizada.

## REFERÊNCIAS

- BAZZA, Adéli Bortolon., e SILVA, F. T. ., & MONTEMEZZO, H. G. . (2017). Abordagem didática para a análise linguística do conto “a moça tecelã”. *Língu@Nostr@*, 5(1), 20 - 35. <https://doi.org/10.22481/lnostr.v5i1.13230>
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. IN: CORTÁZAR, Júlio. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. (E João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 147 – 163.
- QUIROGA, Horacio. (O travesseiro de penas). O travesseiro de penas. Traduzido por Sérgio Molina. In: MANGUEL, Alberto. **Contos de horror do século XIX**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005. p. 353-357.
- TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr do sol e outros contos**. Ilustrado por Dave Santana e Maurício Paraguassu. 20 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- PERES, Alexandre Garcia, 2024. **Arma de Tchekhov**: o que é e como ela aparece na Literatura. Disponível em: <<https://literaturaonline.com.br/arma-de-tchekhov>> Acesso em: 04 jan. 2025.
- POE, Edgar Allan. A filosofia da composição, in: **O corvo de E. A. Poe**. São Paulo: Expressão, 1986.
- SANTELLA, Lúcia. **Os melhores contos de Edgar Allan Poe**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
- TCHEKHOV, Anton. **Sem trama e sem final**: 99 conselhos de escrita. São Paulo, Martins Fontes, seleção e prefácio de Piero Brunello, pp. 38/39. A carta é de janeiro de 1888.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.